

O ESTEREÓTIPO E O CIENTISTA DA INFORMAÇÃO: QUEBRAS OU FORTALECIMENTOS

*Marcus Vinícius Machado dos Santos
Cleiton José Mannes*

Resumo:

Em busca de algumas saídas para o estereótipo que os profissionais das Ciências da Informação enfrentam, são observados os motivos que levam a sociedade tendenciosamente a perceber a área, que une Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Através de levantamento bibliográfico amejam-se opiniões de relevância fundamental à procura das alternativas necessárias e dos porquês de tamanha percepção social estereotipada. Algumas transformações, mesmo que dolorosas, são mais do que necessárias.

Palavras-chave:

Estereótipos; Ciências da informação; Sociedade

THE STEREOTYPE AND THE SCIENTIST OF INFORMATION: BREAKINGS OR FORTIFYINGS

Abstract:

In the search of some answers to the stereotype which the Information Sciences professionals faces, the aim of this article is to observe the motives which lead the society to have a wrong concept about Librarianship, Archivology and Museology, joining these distinct areas in the same degree. Using the bibliographic data collected, has made possible to join together relevant opinions, fundamental both to find the necessary alternatives and answer for the stereotyped social perception, reasons of this work. Some changes, even the unwanted ones, are required.

Key words:

Stereotypes; Information sciences; Society

1 INTRODUÇÃO

O estereótipo está há muito inserido nas sociedades, independente da geografia e da época. Com o passar do tempo, cada vez mais o ser humano, quanto ser social, sentiu a necessidade de rotular o diferente, relegando a guetos “o outro”.

Todavia, aqui nestas linhas, será mais especificamente abordado o quanto sofre o cientista da informação, principalmente os profissionais da Biblioteconomia, da Arquivologia e da Museologia.

De uma forma ou de outra, os citados acima contribuem de alguma maneira para que a sociedade os mire com um olhar generalizante. Não que seja prioridade louros, apenas urge um respeito social maior e um reconhecimento devido a homens e mulheres que timidamente entrincheiram-se atrás da informação.

Porém, infelizmente, o que se vislumbra, são profissionais que, com raras exceções, esforçam-se a mudar esse cenário de estereótipos, até como forma de sobrevivência da categoria. Fazer-se notar ao ser imprescindível à sociedade, mudar posturas, sair do recluso mundo de bibliotecas, museus e arquivos, ir de encontro ao povo. Importante observar que essa ida ao seio popular não tem nada a ver com demagogias e populismos, uma vez que os mecanismos sociais percebem quando se trata disto, com certeza.

Um auto-estereótipo, que se impõe à área, é a alcunha “Três Marias”, a identificar e rotular Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia. Como se não bastassem os próprios carimbos impostos pela sociedade, ainda há um como esse que vem dar mais combustível aos detratores.

Por conseguinte, neste artigo, serão vistos alguns porquês de ter-se chegado a este ponto perigoso, de difícil desarranjo, e igualmente algumas saídas. Mas isso não é tarefa de fácil realização, pelo contrário, é árdua, assim como são os grandes desafios. Resta aos autores a humildade de apenas apontar algum caminho que seja, uma luz a guiá-los, uma realidade passível de mudanças.

2 CONTEXTUALIZANDO HISTORICAMENTE OS ESTEREÓTIPOS

Desde há muito, a humanidade sente necessidade de rotular e classificar os semelhantes. É incerta a exatidão do início de tal *modus operandi*, pressupõe-se remontar a priscas eras, quando funções sociais surgiram, e deste modo, com elas os estereótipos, uma visão aparentemente deturpada da realidade, mas próxima de como meio social e inconsciente coletivo percebiam o outro.

Com o passar dos séculos e o fortalecimento das relações sociais em função das relações econômicas, houve um maior encrudescimento das diferenças sociais entre os detentores de bens e as camadas menos favorecidas, algo radicalizado com as revoluções Francesa e Industrial.

A burguesia emergente das entranhas das duas revoluções citadas acima tomou as rédeas da sociedade ocidental e com uma visão mercantilista acionou gradualmente as garras do anti-humanismo. As relações humanas, pouco a pouco, tomaram caminho do individualismo, ou seja, cada indivíduo envidraçado em redoma protetora, a repelir a diferença.

Segundo Lippman (1970) *apud* Almeida Júnior (1997, p. 29), “[...] notamos um traço que marca um tipo conhecido e enchemos o resto do quadro com os estereótipos que trazemos na cabeça.”

Entretanto, sempre foi e sempre será necessário relacionar-se socialmente até mesmo para sobrevivência própria. Então de que forma cada um enjaulado em medos e receios, em preconceitos para com o outro, consegue essa relação vital? A resposta é complexa, mas uma vaga idéia aqui se pode ter. O estereótipo. Sim, essa é talvez uma grande fatia da resposta.

3 O ESTEREÓTIPO E O CIENTISTA DA INFORMAÇÃO

As Ciências da Informação, ao serem importadas do Hemisfério Norte para os trópicos, em meados do início do Século XX, encontraram aqui uma realidade, que por mais que buscassem assemelhar-se às européias e norte-americanas, nem um pouco se pareceu, pelo

contrário, é diferente daquelas, com particularidades díspares, que de uma ponta a outra do país há muitos países, igualmente com características também singulares. Obviamente que uma das causas da pouca aceitação por parte da população dessas plagas é a frieza e o pouco humanismo, o popular calor humano, das clássicas e ultrapassadas Ciências da Informação de outrora. Hoje se urge por renovação, por interação com a realidade.

De acordo com Souza (1997 p. 10)

O amálgama ético-cultural da nação brasileira é profundamente diferente [...] e se expressa em nossa diferente visão de mundo. Faz do Brasil, por exemplo, um país mais alegre e com uma população menos afeita ao pragmatismo e ao individualismo. Talvez por essa diferença de visões é que a Biblioteconomia praticada e ensinada no Brasil pareça ainda muito estranha para a maior parte da sociedade do país.

Tal afirmação, aplicável a todas as Ciências da Informação, corrobora a noção de que foi feito por onde, ou seja, deu-se a munição necessária à população já pouco apta a acalentar intelectualismos, ou que seja, esnobismos à parte. Pois a população quase como um todo percebe o profissional em questão como pouco afeito ao convívio, às sociabilidades. Porém sabe-se que isso é lenda, ou melhor, estereótipo sem sentido. Sem sentido? Pois bem, não...

Pensando como Ashiem (1979) *apud* Oliveira (1983, p. 3),

[a Ciência da Informação] adquiriu o caráter de classe fechada, monopólio, elite e neutralidade, características que passaram a ser consideradas falhas e não virtudes, a partir da contestação à ordem e aos valores estabelecidos, que caracterizou a movimentada década de 60.

E enquanto a maioria das classes sociais ou categorias de profissionais modernizou-se (as que assim não agiram estão acometidas dos mesmos ou parecidos males), a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia estagnaram-se perigosamente, não capacitaram através dos currículos acadêmicos, o agente da informação a, entre outras coisas, disseminar a informação democraticamente, isto é, não somente através dos livros, mas de inúmeras outras formas, que estreitasse a relação com a população, a que realmente necessita por informação. A mais carente, que se sente acuada numa biblioteca, por exemplo, ao não ver a realidade que vive ali, além da própria linguagem, formal, um tanto quanto inteligível a grandíssima maioria, analfabeta ou próxima a isto. Um reforço e tanto aos estereótipos e estigmas.

Conforme Souza (1997, p. 14)

Boa parte dos cientistas da informação são os reflexos de uma escola que, ao treiná-los de um certo modo, os leva a construir uma visão redutora do mundo, segundo a qual o contexto de sua ação limita-se ao acervo e aos instrumentos operacionais e, sob essa perspectiva, perdem a noção da mediação entre sujeitos que produzem e consomem conhecimento.

É limitante, certamente, agir apenas com os acervos, pois o principal é o usuário, a razão de ser de uma unidade informacional, seja ela biblioteca, museu ou arquivo. Smith (2000, p. 30), explicita que “os usuários [das Ciências da Informação] [...] manifestam uma necessidade informacional, ou seja, um vazio informacional que deve ser preenchido.” Quando não existe a comunicação, as vias de acesso entre as duas partes, são como uma gangrena, que lentamente leva o paciente à morte, após fazer um órgão ser anulado, pois não interage com os outros, não permite a circulação sanguínea, no caso aqui, a circulação de informações conforme as demandas dos usuários. A partir de Souza (1997, p. 16), imagina-se que “para os profissionais arquivistas, bibliotecários e museólogos, o mundo gira em torno do atendimento dos pedidos de informação.” Se não há solicitação não há porque sair da espera quase inerte, passiva.

Além dessas obviedades gritantes, é notável a falta de conhecimento da população em relação aos verdadeiros conceitos de Biblioteconomia, Museologia e Arquivologia. Basta perguntar-se para algumas pessoas sobre o que imaginam que sejam estes cursos, o que é estudado nestas áreas, onde estes profissionais atuam, enfim, para que serve? Certamente teria-se uma grande surpresa, pois a maioria sequer sabe que essas áreas existem ou que há cursos de formação de profissionais para atuarem em bibliotecas, museus e arquivos, já que estão acostumadas a ver, principalmente em órgãos públicos, profissionais remanejados de outros setores desempenhando a função que deveria estar sendo executada por um profissional especializado.

O problema é ainda maior quando se faz um levantamento bibliográfico em dicionários e enciclopédias a fim de avaliar os conceitos por eles apresentados, considerando-se que são importantes instrumentos de consulta para pessoas que estão em busca de uma profissão ou que apenas gostariam de conhecer mais tais áreas.

Pegue-se como exemplo o conceito apresentado pelo Dicionário Michaelis – UOL (2002) que diz: “biblioteconomia é o conjunto de normas e preceitos relativos à organização, disposição, conservação e administração de uma biblioteca”. Para uma idéia da gravidade

da situação, neste dicionário sequer é apresentado um conceito para as áreas de museologia e arquivologia, o que poderia contribuir menos para a formação dos estereótipos, mas não o faz.

E falando em conceito, a alcunha “Três Marias” é preponderante para o agravamento da situação. Claro que pouco se sabe sobre ela fora das Ciências da Informação, mas que ela colabora inclusive para uma diminuição da auto-estima dos profissionais da área não há como negar, é uma impressão que fica, a de diminuição. Observando o porquê dessa denominação vejamos o que Smith (2000, p. 28) aponta:

A denominação ‘3 Marias’ visa [...] resumir uma situação, identificando cada categoria profissional por um nome simbólico: Maria, e reunindo as três irmãs [...] numa família na qual cada irmã ignora [...] a atuação profissional, os princípios teóricos e as metodologias de trabalho das demais. [...] As 3 Marias não nasceram separadas. Afastaram-se ao longo do tempo.

Outra questão é a de que a população enxerga essas instituições como velhas, e tudo que é velho, para o inconsciente coletivo, é improdutivo, por assim dizer, um peso para todos. Como os idosos, recebem auxílios financeiros (melhor não entrar no mérito se estas verbas chegam ou não aos fins desejados) e somente ocupam espaço do que poderia ser produtivo (ALMEIDA JUNIOR, 1997).

Entende-se que quanto mais estereótipos maior a quantidade de obstáculos ao acesso à informação pelos usuários, que por terem uma imagem ruim de tais instituições e profissionais, deixam de usufruir as benesses encontradas nas mesmas. E o estigma maior, aquele perpassando pelas décadas a fio, a visualizar um profissional ultrapassado, tem em muito a ver com a percepção de que “a passividade, evidente em todos os itens, reflete a idéia de uma profissão amorfa, sem dinamismo, que exala [...] cheiro de mofo e pó [...].” (ALMEIDA JUNIOR, 1997, p. 30).

Espera-se que se um usuário das instituições abordadas neste artigo, leigo em Ciências da Informação, vir a lê-lo, reflita acerca dos pensamentos que normalmente lhe são alheios, pré-concebidos, e parta para a quebra de um círculo vicioso a levar todos ao abandono da informação. Se por acaso, o leitor for da área, estudante ou profissional, que faça desta leitura provocação e motivo a ir à busca de maior aprofundamento dos temas aqui discorridos (um tanto quanto superficialmente), uma vez que o objetivo principal deste artigo é a reflexão sem demagogias, em prol de saídas.

4 QUEBRANDO ESTEREÓTIPOS

É notório que, os profissionais desatualizados e desamparados não só das novíssimas tecnologias, mas prioritariamente das questões e inter-relações humanas, estão seriamente correndo riscos de ficarem desempregados, com pouquíssimas chances de recolocação no mercado não sendo por um concurso. Atualmente pesa mais numa escolha de vaga ou mesmo ascensão de carreira a capacidade de relacionar-se em grupo, lidar com as necessidades intrínsecas ao todo.

É possível, por conseguinte, um paralelo ao sucesso ou não de uma biblioteca, um museu ou um arquivo. E aqui não se frisa sucesso financeiro, mas aquele que leva à percepção da satisfação de todos. Sim, aqui a realidade entra com tudo, já que a satisfação dos usuários é ridiculamente pequena quando comparada a não-inserção dessas unidades nas realidades e necessidades informacionais da sociedade.

Percebendo Valentim (2002, p. 90) “a sociedade está a exigir, cada vez mais, a participação de cidadãos não somente qualificados para o trabalho, mas principalmente aptos a refletir e produzir novos conhecimentos de sua prática profissional.”

E refletir sobre si sem medo é dar passos largos em direção oposta aos estereótipos, uma vez que a própria sociedade vislumbra em tal iniciativa um desejo sério de mudança. Contudo, refletir ausente de ações, não leva a muito, pois a sociedade pede resultados, ou melhor, exige. Não sendo dessa forma, fica no campo das esterilidades dos desejos e sonhos. Então mãos à obra!

A princípio necessita-se de mudanças profundas nos currículos acadêmicos, trilhando caminhos menos tecnicistas e mais humanos. Souza (1993, p. 67), torna claras as reais urgências transformativas para o Curso de Biblioteconomia, que se aceita de bom grado aos de Museologia e de Arquivologia:

O curso de Biblioteconomia falha: ao não inovar os métodos de ensino; ao não contar com um currículo melhor ordenado e mais inteligível; ao não contar com habilitações; ao ser executado no nível de graduação; ao exigir minimamente dos alunos; ao não instrumentar os futuros profissionais com meios de desenvolvimento intelectual; ao não formar leitores capazes de compreender os outros leitores; ao substituir o discurso do crescimento social pelo discurso do domínio de técnicas e de tecnologia; ao não contextualizar socialmente o seu

conteúdo; ao não enxergar-se, entre outras coisas, como um produto absoluto e completo.

É óbvio que alguns cursos já materializam pequenas transformações curriculares, ainda tímidas em relação ao necessário, pois o bonde da história não espera os atrasados, pelo contrário, passa por cima sem dó nem piedade. Isso não é o que se deseja, jamais.

Transformações e inovações nunca são fáceis, mas não há outro jeito. Claro, com os currículos acadêmicos adaptados às realidades, os profissionais saídos deles serão mais abertos às sociabilidades, enquanto que, ainda como observa Smith (2000, p.28), “o isolacionismo, paradigma problemático da área, prepondera, tornando esses profissionais muito mais competentes na denominação das diferenças do que na identificação das semelhanças.”

Indo mais além, a própria Smith (2000, p.30) sentencia que

Exige-se [...] a mudança da ênfase no acervo para a ênfase no usuário: do estoque para a função e para a utilização da informação. Como toda mudança de paradigma, a mesma é muito discutida, muito elogiada, mas ainda não se infiltrou em todas as práticas e todos os raciocínios.

Realmente, de que servem acervos maravilhosos se deles poucos são os que se beneficiam? Se a linguagem e tecnologias disponíveis é elitista, de compreensão para poucos?

Olhar com atenção às demandas informacionais que da sociedade aportam é de suma relevância, mais especificamente perceber as necessidades da comunidade em que a unidade insere-se, ou então esta se relega ao ostracismo.

Conforme Paiva (1990, p.52),

Caberá à universidade fornecer subsídios para que o estudante de [...] Ciências da Informação esteja sempre consciente de novas atribuições dentro da profissão, assim como passe a valorizar a informação como a peça fundamental para o desenvolvimento do país.

Como conseqüência da realização de tais utopias passíveis de concretização surge um profissional engajado, responsável, antenado ao que ocorre ao redor, e não absorto apenas no que lhe compete, o que obviamente dá para a sociedade a impressão de um profissional isolado numa bolha intransponível. Um estereótipo de difícil quebra, porém não impossível. Ao natural a mudança feita com visão crítica leva gradualmente ao

aperfeiçoamento e como resultado, à maior relevância social, o que Souza (1993, p. 69) percebe com propriedade:

Essa construção exigirá, não apenas uma revisão de estrutura e aí significa também influir no quadro nacional (legislação profissional, legislação de ensino), mas, sobretudo, uma mudança de conjuntura, isto é, das atitudes e comportamentos dos membros que compõem a categoria, no sentido de reciclarem sua visão de mundo.

5 CONCLUSÃO

O profissional da informação deve como tal, estar aberto às informações vindouras da sociedade, que revelam uma imagem pouco engrandecedora, nada mais nada menos do que um estereótipo materializado. Entretanto esse mesmo profissional, inserido numa área notadamente estagnada, que engloba a Biblioteconomia, a Arquivologia e a Museologia (as Três Marias), auxilia e muito a tal visão social.

Por se constituir num mecanismo social inerente às vontades, o estereótipo agiganta-se quando se aproxima do que é verdadeiro, muitas vezes empurrando o objeto da ação (no caso aqui os profissionais das Ciências da Informação) à pressuposta percepção do todo.

A fim de distanciar-se de como a sociedade o percebe tendenciosamente, o profissional da área, para ter postura de maior atuação engajada, deve ter outro embasamento teórico vindouro dos meios acadêmicos. Deve ser mais voltado às demandas informacionais e necessidades da sociedade, menos para o tecnicismo frio e inumano, relegado às salas de processamento e aos cuidados dos acervos, próximo de uma esterilidade elitista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Falta de usuário nas bibliotecas ou o usuário realmente faz falta? In: _____. *Sociedade e Biblioteconomia*. São Paulo: Polis ; APB, 1997, p. 28-30.

DICIONÁRIO Michaelis - UOL. São Paulo: UOL, 2002. 1 CD-ROM.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. Revisão de literatura e definição do problema. In : _____. *O Bibliotecário e sua auto-imagem*. São Paulo: Pioneira; Instituto Nacional do Livro; Fundação Nacional Pró-Memória, 1983. p. 3.

PAIVA, Denise Werneck de. Perspectivas do agente da informação no contexto brasileiro. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 1, n. 19, p. 52, jan./jun. 1990.

SMITH, Johanna W. Arquivologia, biblioteconomia e museologia – o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo: Nova Série, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000.

SOUZA, Francisco das Chagas. Visibilidade do bibliotecário e da biblioteca para a mídia impressa em Santa Catarina. In : _____. *Biblioteconomia, educação e sociedade*. Florianópolis : Editora da UFSC, 1993. p. 67-69.

SOUZA, Francisco das Chagas de. Dos biblióforos aos gerentes da informação. In : _____. *Biblioteconomia no Brasil: profissão e educação*. Florianópolis: Associação Catarinense de Bibliotecários; Biblioteca Universitária da UFSC, 1997. p. 10-16.

VALENTIM, Marta Lígia. *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002. p. 90.

Marcus Vinícius Machado dos Santos

Bacharel em Biblioteconomia – Gestão da Informação / Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Assistente Administrativo do Setor de Documentação da Administração Regional do Senac/SC. superbaurets@yahoo.com.br

Cleiton José Mannes

Bacharel em Biblioteconomia – Gestão da Informação / Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). cleitonjosemannes@yahoo.com.br

Recebido em: 16/04/2008

Aceito para publicação em: jan/2009